

**EXPLORANDO AS VIVÊNCIAS GENERIFICADAS DE ESTUDANTES DO CURSO
DE EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DE STORYTELLING**

**EXPLORING THE GENDERED EXPERIENCES OF PHYSICAL EDUCATION
STUDENTS THROUGH STORYTELLING**

**EXPLORANDO LAS EXPERIENCIAS DE GÉNERO DE LOS/AS ESTUDIANTES
DE GRADO EN EDUCACIÓN FÍSICA A TRAVÉS DEL STORYTELLING**

ALMEIDA, Juliana Jungs de
juliana.jungs@acad.ufsm.br
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0009-0006-0768-1226>

JAEGER, Angelita Alice
angelita@ufsm.br
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0003-4998-1578>

RESUMO Analisamos a trajetória da generificação dos corpos dos/as acadêmicos/as de Educação Física, compreendendo o lugar das práticas corporais e esportivas nesse processo. Utilizamos uma abordagem autobiográfica, na qual 39 acadêmicos/as produziram *Storytelling* narrando suas vivências de gênero e 8 foram entrevistados/as sobre o tema. As análises evidenciaram que as crianças são expostas a um processo de generificação de seus corpos. A Educação Física escolar apresenta um ambiente permeado por desigualdades e hierarquias, onde as meninas frequentemente ocupam uma posição secundária e os meninos se apropriam das atividades. É necessário que as relações de gênero sejam trabalhadas na formação inicial em Educação Física para que os/as professores/as estejam capacitados/as para desenvolverem estratégias de equidade de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física. Storytelling. Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT We analyze the gendering trajectory of Physical Education students' bodies, aiming to understand the role of bodily and sporting practices in this process. We employed an autobiographical approach, where 39 undergraduate students produced storytelling narratives recounting their gender experiences, and 8 undergraduate students were interviewed on the topic. The analyses revealed that children are subjected to a gendering process of their bodies. Physical Education at the school provides an environment permeated by inequalities and hierarchies, where girls often occupy a secondary position, and boys control the activities. It is necessary to address gender relations in the initial training for Physical Education so that teachers are equipped to develop gender equity strategies.

Keywords: Gender. Physical Education. Storytelling. Qualitative research.

RESUMEN Analizamos la trayectoria de la generificación de los cuerpos de los estudiantes de grado en Educación Física, comprendiendo el papel de las prácticas corporales y deportivas en este proceso. Utilizamos un enfoque autobiográfico, donde 39 estudiantes de grado produjeron narrativas de Storytelling contando sus experiencias de género, y 8 estudiantes de grado fueron entrevistados sobre el tema. Los análisis revelaron que los niños son sometidos a un proceso de generificación de sus cuerpos. La Educación Física escolar proporciona un entorno permeado por desigualdades y jerarquías, donde las niñas ocupan frecuentemente una posición secundaria, y los niños se apropian de las actividades. Es necesario abordar las relaciones de género en la formación inicial en Educación Física para que los profesores estén capacitados para desarrollar estrategias de equidad de género.

Palabras clave: Género. Educación Física. Storytelling. Investigación cualitativa.

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é um problema histórico que persiste até hoje. A partir do século XVIII, as mulheres começaram a questionar a discriminação que sofriam, compreendendo que as diferenças de gênero não são biológicas, mas sim construções sociais e culturais que, muitas vezes, privilegiam a masculinidade e secundarizam a feminilidade (Costa; Silva, 2002).

Entendemos gênero a partir Scott (1995, p. 86), cuja teorização alude a duas camadas, assim enunciadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e; (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. E, importa considerar, que gênero conota um enfoque metodológico que cria condições para superar noções que fixam o que representa ser homem ou ser mulher, abrindo brechas para analisar criticamente como os sentidos sobre os corpos sexuais são produzidos uns em relação aos outros (Scott, 2010).

Desde a descoberta do sexo do bebê durante a gestação ou na entrada da criança na família, as diferenças de gênero começam a ser estabelecidas, e geralmente perpetuam estereótipos que cercam a educação da criança (Oliveira; Jaeger; Roth, 2019). Esses estereótipos orientam a escolha do nome, as cores das roupas e do carrinho do bebê, os brinquedos, a decoração do quarto. Os brinquedos e as brincadeiras, no que lhe concerne, são importantes espaços para a construção do gênero e, nesses processos de socialização e formação de identidade das crianças, os estereótipos são vivenciados ainda na infância (Godoy et al., 2021).

As brincadeiras infantis são frequentemente utilizadas como meio de ensinar comportamentos generificados, com a expectativa de que meninos sejam agressivos e corajosos, enquanto meninas devem ser dóceis, frágeis e sensíveis. Essas expectativas têm um impacto significativo nas práticas corporais e esportivas das crianças e adolescentes, com sugestões de atividades que reforçam noções referentes a gênero (Sousa; Altmann, 1999; Jaeger, 2006). Entre as inúmeras brincadeiras possíveis, é comum as meninas brincarem de “casinha”, representando o papel da mãe, reproduzindo obrigações e cuidados familiares; enquanto os meninos imaginam ser “motorista”, dirigem carros, relacionando-se ao mundo externo e do trabalho (Kishimoto; Ono, 2008).

Além das brincadeiras, outro espaço de construção das identidades de gênero é o ambiente escolar. Marcada pela diversidade cultural, a escola é o território no qual as crianças trocam experiências, deixam um pouco de lado os costumes familiares e abrem-se para outras culturas. Nesse sentido, deveria ser um espaço onde a pluralidade fosse a referência, porém, muitas escolas ainda se encontram engajadas em perpetuar e reproduzir desigualdades, reforçando relações de gênero baseadas em valores sexistas (Carvalho, 2017), estimulando a busca pela uniformidade, perdendo a oportunidade de cultivar as singularidades que caracterizam os seres humanos. Tal situação pode ser agravada quando as escolas permanecem fechadas para o diálogo acerca das relações de gênero, com uma gestão escolar e professores/as sem capacitação, negligenciando seu papel político de instrumento de transformação social (Dias; Frizzo, 2021).

No contexto escolar, as aulas de Educação Física assumem posição central no processo de generificação dos corpos. Geralmente, duas perspectivas de gênero são postas em funcionamento nas aulas. Na primeira delas, a hierarquia entre meninos e meninas estrutura o encontro pedagógico e resulta em meninas, muitas vezes, excluídas das aulas não apenas devido ao gênero, mas também porque têm menos habilidades do que os meninos (Sousa; Altmann, 1999). Na segunda, já se evidencia a Educação Física como um espaço democrático de valiosas experiências (Mariano et al., 2021). Essa disciplina vem se transformando e se resignificando como um espaço de reflexão sobre essas diferenças, sobretudo nas questões de gênero,

permitindo a reinvenção de experiências corporais que incluam meninos, meninas e um currículo que busque contemplar a participação de todos/as (Bahiana et al., 2021).

Embora a compreensão da situação exija a consideração de múltiplos fatores, é fato que meninas são frequentemente incentivadas a permanecerem no espaço privado durante a infância e adolescência. Isso ocorre porque elas são responsabilizadas por outras tarefas que as impedem de brincar, estudar e assumir outras responsabilidades. Uma pesquisa realizada com 2.589 garotas entre 14 e 19 anos, em 10 cidades das 5 regiões do Brasil, revelou que as jovens são responsáveis por um conjunto maior de atividades domésticas do que os rapazes. Enquanto 67,2% delas realizam tarefas domésticas, apenas 31,9% deles as desempenham. Por outro lado, as atividades de trabalho, sociabilidade e lazer, realizadas em ambientes externos, são mais frequentes entre os garotos. Enquanto 19% das adolescentes afirmam praticar algum esporte, 22,8% dos adolescentes o fazem. A situação descrita revela uma percepção das jovens entrevistadas de que os rapazes desfrutam de maior confiança, despreocupação e liberdade ao circular pelas ruas, enquanto elas carregam consigo uma inquietação relacionada à própria aparência, corpo, segurança física e direitos (Plan Internacional, 2021).

A partir dessas considerações, objetivamos analisar a trajetória da generificação dos corpos dos acadêmicos/as de Educação Física, compreendendo o lugar das práticas corporais e esportivas nesse processo e refletindo acerca do compromisso da formação profissional com a equidade de gênero.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e autobiográfica, por possibilitar atribuir significado a situações e eventos da vida dos sujeitos, enfatizando a relação deles com o mundo ao seu redor (Delory-Momberger, 2012). A fonte de pesquisa constitui-se em narrativas autobiográficas produzidas por meio de *Storytelling*. Por meio das narrativas autobiográficas, o sujeito resgata sua memória e atribui significado às suas experiências, incluindo as corporais, propiciando uma reflexão sobre as vivências inscritas em seu corpo (Santos et al., 2020). Esse método de pesquisa tem natureza

particular, visto que o pesquisador/a têm acesso apenas ao que o sujeito narrador deseja compartilhar sobre suas vivências (Delory-Momberger, 2012).

Nessa perspectiva, o *Storytelling* é uma ferramenta persuasiva e poderosa, ancorada na habilidade de narrar experiências humanas e eventos do cotidiano. Trata-se de um conteúdo audiovisual que contará histórias de uma maneira mais envolvente e lúdica. Esse processo envolve a reconstrução e reinvenção de si, dado que o ato de narrar uma história e a exploração de diferentes linguagens, como som, áudio e imagem, oferecem a oportunidade de experimentar várias abordagens de comunicação e expressão (Borges; Silva; Souza, 2021).

Para desenvolver essa pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria, sob o número 23081.047610/2023-14. A amostra, de caráter intencional, foi obtida mediante um convite realizado aos 45 acadêmicos matriculados em uma disciplina ofertada ao 3º semestre do curso de Educação Física - Licenciatura e Bacharelado, cujo conteúdo abordava, entre outras questões, as relações de gênero em contextos de práticas corporais e esportivas. Consideramos o abandono da disciplina e a não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como critérios de exclusão, finalizando com 39 estudantes (21 mulheres e 18 homens) convidados a participarem da pesquisa. Todos/as assinaram, de modo voluntário, o TCLE em duas vias, uma que permaneceu com o/a estudante e outra com as pesquisadoras.

A pesquisa foi conduzida em três etapas distintas. A primeira foi destinada à produção dos *Storytelling* pelos 39 acadêmicos. Para tanto, oferecemos uma oficina no decorrer da disciplina que abordou os passos para a construção da ferramenta. A seguir, solicitamos que as narrativas autobiográficas incluíssem informações captadas em fotos e vídeos pessoais, abordando a descoberta do sexo do bebê, as experiências de movimento na infância e adolescência, e, sobretudo, detalhes acerca da vivência da Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. O vídeo deveria ter entre 3 e 5 minutos e apresentar narração e legendas para promover acessibilidade.

Na segunda etapa, descrevemos e analisamos os 39 *Storytelling*, explorando todas as informações e recursos visuais utilizados pelos/as estudantes, a fim de selecionar os vídeos com melhor qualidade narrativa, ou seja, o aprofundamento e

detalhamento dos tópicos solicitados. A partir desses critérios, selecionamos 10 acadêmicos/as para participarem da terceira etapa, caracterizada pelas entrevistas biográficas, a fim de compreender as singularidades de suas experiências relacionadas ao gênero. Não responder à solicitação foi tomado como critério de exclusão dessa fase. Assim, contamos com a participação de 8 estudantes (6 mulheres e 2 homens). As entrevistas semiestruturadas individuais foram gravadas em um dispositivo digital e, posteriormente, transcritas na íntegra. Por fim, destacamos que as identidades dos/as participantes são sigilosas. Portanto, quando apresentarmos no texto excertos tanto dos *storytelling* quanto das entrevistas, utilizaremos para os homens a expressão “Storytelling acadêmico 1”, “entrevista acadêmico 1”, e assim por diante, e para as mulheres “*Storytelling* acadêmica 1”, “entrevista acadêmica 1”, e assim sucessivamente.

3 RESULTADOS E ANÁLISES

As fontes de pesquisa foram submetidas à técnica de análise temática (AT), a qual é um método de identificar, analisar e relatar padrões nos dados, chamados de temas. Os temas, por sua vez, capturam algo importante sobre o fenômeno que está sendo pesquisado, representando algum nível de resposta ou significado padronizado no conjunto de dados. A abordagem indutiva adotada neste trabalho garantiu que os temas identificados estivessem fortemente ligados aos próprios dados, sem tentar encaixá-los em um quadro de codificação preexistente (Braun; Clarke, 2006). Com essa perspectiva em mente, percebemos que a AT proporciona maior liberdade para análise e determinação dos temas que respondem ao problema de pesquisa, já que o diálogo com os teóricos/as é postergado para a fase da elaboração dos relatórios (Rosa; Mackedanz; 2021).

Inicialmente, utilizamos o software NVivo12 para codificar os dados e identificamos seis padrões: a infância dos meninos, a infância das meninas, as práticas corporais e esportivas durante a adolescência dos meninos, as práticas corporais e esportivas durante a adolescência das meninas, a participação nas aulas de Educação Física, e as sugestões/estratégias para uma Educação Física mais igualitária. Nos códigos da infância dos meninos e das meninas, criamos quatro

subcódigos em cada categoria, abordando as cores das roupas e do enxoval, bem como os brinquedos e brincadeiras dos meninos e das meninas. Esses códigos foram aprofundados e geraram os três temas apresentados nos resultados a seguir.

3.1 Generificação dos corpos: brinquedos e brincadeiras

Desde as primeiras lembranças de vida, as crianças são moldadas e direcionadas para projetos e comportamentos orientados pela identificação do sexo biológico (Rios; Dias; Brazão, 2019). Quando um bebê nasce com órgãos reprodutivos masculinos, ele é incentivado a brincar com brinquedos que reforçam a ideia de masculinidade, enquanto aqueles que nascem com órgãos reprodutivos femininos são direcionados para práticas que enfatizam a feminilidade.

Ao analisar os vídeos e fotos presentes nos *Storytelling*, constatamos que as acadêmicas quando crianças eram frequentemente vestidas com roupas predominantemente rosas e, quando outras cores estão presentes, são em tons pastéis, reforçando ainda mais a feminilidade referente. Como esperávamos, nos *Storytelling* produzidos pelos acadêmicos, as roupas estão na paleta de tons de azul, acompanhada de uma variedade de outras cores primárias, aludindo à masculinidade padrão. No entanto, a presença de roupas e enxovais estampados com ursinhos é um elemento decorativo compartilhado entre os gêneros e pode ser observado nas imagens analisadas. Sobretudo, destacamos as narrativas de algumas mulheres que apontam singularidades que fazem ruir a moda padronizada para as meninas. Vejamos o que alguns excertos enunciam:

“Sobre minhas roupas, a maioria era rosa pelo fato de eu não ter quase nada de cabelo. Era o jeito que minha mãe achava de mostrar que eu era uma menina”. (*Storytelling acadêmica 8*).

“Na infância eu usava bastante as roupas do meu irmão mais velho, mas lembro que azul, verde, cinza, essas cores, elas sempre estiveram comigo”. (*Storytelling acadêmico 10*).

“Por não terem muitas condições, muitas das minhas roupas e acessórios foram doados por outras pessoas. E a maioria delas era unissex. Com isso, logo que nasci me foram colocados brincos para que pudesse me identificar como menina. Já que pelas roupas não era muito possível”. (*Storytelling acadêmica 19*).

“Ignorando o padrão da sociedade que dizia que meninas usam rosa e meninos usam azul, na maior parte do tempo eu vestia todas as cores possíveis. Para falar a

verdade, eu nunca gostei tanto assim de rosa. E muitas pessoas, inclusive a minha mãe e, principalmente, a minha avó estranhavam esse fato”. (*Storytelling acadêmica* 10).

“Na minha infância usei tanto roupas de menino quanto de menina. Porém para passear e ir à escola minha mãe me vestia com roupa adequada para menina nas cores rosa e lilás. [Intervalo] Aos seis anos necessitava usar saia, vestido, sandália e mesmo eu dizendo que não gostava, minha mãe me obrigava a usar porque para ela era assim que uma menina deveria se vestir. [Intervalo] Nunca gostei de pintar unha, usar maquiagem, saia, vestido e calçado de salto e minhas amigas falavam que eu parecia um homem de cabelo comprido. Então continuei usando roupas de menina para não ser ridicularizada”. (*Storytelling acadêmica* 21).

Nas análises, observamos que, geralmente, são as meninas que desafiam os estereótipos de gênero. Todavia, há um investimento familiar no sentido de direcionar as crianças a ocuparem posições, gestos e aparências coadunando com o esperado delas, fazendo-as cúmplices de um projeto de normatização a partir de uma concepção biológica e binária (Baliscei; Inoue, 2022), buscando não deixar dúvida a sua identidade de gênero. Embora a criança pudesse se expressar livremente no ambiente privado, ela era direcionada a reproduzir estereótipos de gênero no espaço público.

Ao examinar as imagens apresentadas no *Storytelling*, é possível observar que as cores desempenhavam um papel importante na identificação dos objetos, tais como: mamadeiras, chupetas, banheiras, bancos e sofás, associando o azul aos meninos e o rosa às meninas. Além disso, nas festas de aniversário, a decoração para meninas era predominantemente rosa, com temas de princesas como Branca de Neve, Bela Adormecida, Cinderela, além da Minnie e das Meninas Super Poderosas. Por outro lado, nos aniversários dos meninos, o azul prevalecia nos balões, no bolo e na vela de aniversário, com temas como Bob Esponja, Homem-Aranha e Mickey Mouse. De fato, as cores azuis e rosa estão longe de serem meramente cores aleatórias e neutras. Elas carregam consigo uma série de atributos, expectativas e qualidades impostas às crianças, sendo esperadas que elas alcancem e sustentem ao longo de suas vidas. Essas associações de cores têm sido utilizadas como uma forma de reforçar e perpetuar estereótipos de gênero, impondo limites e expectativas rígidas sobre como as crianças devem se comportar, se expressar e se identificar com base em seu gênero (Baliscei; Inoue, 2022). Associados aos adereços das festas, os

brinquedos e as brincadeiras também aparecem com força nos *Storytelling*, como mostram alguns recortes:

“Por volta dos meus três anos de idade foi quando comecei a dar mais atenção as minhas bonecas. Era muito apegada a todas e lidava como se fossem filhas”. (*Storytelling acadêmica* 10)

“Durante a infância tive uma casinha rosa para brincar com brinquedos considerados de menina, como bonecas, painéis e fogões”. (*Storytelling acadêmica* 18).

“Passei grande parte da minha infância e adolescência convivendo com minhas primas e irmã. Gostávamos bastante de andar de motoca, montar cubos, dançar, brincar na cabana da Barbie, panelinha e subir na árvore”. (*Storytelling acadêmica* 15).

“Desde pequeno, bola, bola de futebol, bolas variadas, de várias modalidades, brincava um pouquinho de carrinho, mas principalmente era bola, sempre tinha bastante contato com bolas”. (Entrevista acadêmico 2).

“Brincava de carrinho, colecionava eles inclusive, gostava também de brincar de arminha com a gurizada da vizinhança. Lembro também que uma das minhas brincadeiras preferidas era pique-esconde”. (*Storytelling acadêmico* 6).

As fontes de pesquisa indicam que os brinquedos e as brincadeiras também reforçam noções padronizadas, indicando que existe uma tendência de treinar as meninas desde cedo para se tornarem mães e donas de casa, e para isso lhes são ofertados bonecas, fogões e panelinhas, enquanto os meninos são preparados para um futuro aparentemente mais livre e autônomo, para isso são oferecidos a eles bolas e carrinhos.

Uma pesquisa realizada em catálogos de brinquedos de uma empresa localizada no Sul do Brasil revelou uma clara divisão entre linhas de produtos destinadas aos meninos e às meninas. Os brinquedos oferecidos para as meninas incluíam fogões, refrigeradores, micro-ondas, máquinas de lava-louça e máquinas de lavar roupa. Já para os meninos, carros de diversos modelos, aviões, trens e blocos de encaixe. Essa divisão reforça os estereótipos de gênero presentes na sociedade, onde as meninas são direcionadas para os espaços privados e os meninos são incentivados a explorar os espaços públicos (Kropeniscki; Perurena, 2017).

Na esteira dos excertos, observamos que, já na infância, os meninos e as meninas aprendem que devem estar em mundos separados e que suas experiências não podem ser compartilhadas com o gênero oposto (Felipe; Guizzo, 2004). Essa segmentação de brinquedos por gênero contribui para a perpetuação de estereótipos e papéis sociais restritivos. Limitar as escolhas das crianças com base em seu gênero

desde cedo pode reforçar desigualdades e dificultar a exploração de outras habilidades e interesses. Todavia, mais uma vez algumas meninas mencionaram brincar com os meninos (irmãos, primos, vizinhos) e desse modo desconstruíam estereótipos. Vejamos:

“Eu e meu irmão gostávamos de brincar no barro, com nossos cachorros, na areia, com nossos brinquedos, subir em árvores. Mas, eu também brincava muito com a minha prima, nós duas gostávamos de brincar de bonecas e criar histórias para elas”. (*Storytelling acadêmica 1*).

“Todos os meus vizinhos que tinham aproximadamente minha idade, eram meninos e praticamente todos os dias nós nos reunimos pra jogar bola na minha casa. Outras brincadeiras frequentes era trilha de bicicleta, andar de skate, polícia versus ladrão, corridas de carro”. (*Storytelling acadêmica 4*).

“Vale dizer que por um bom tempo eu era a única menina entre os meninos. Mas nada impediu que a relação de amizade crescesse, jogávamos bola descalços na rua, brincávamos de polícia e ladrão, de arminha, de videogame e tudo mais”. (*Storytelling acadêmica 5*).

Importa destacar que, quando elas brincavam com os meninos, eram integradas às brincadeiras deles, interagindo mais com os espaços externos, aprendendo novas habilidades e adentrando outro mundo. É relevante ressaltar que, quando as meninas brincam com os meninos, estes geralmente têm o controle e determinam as brincadeiras, enquanto o inverso não é observado com a mesma frequência. Tais resultados são corroborados por meio de pesquisa realizada em uma escola de Educação Infantil, em que se constatou que, durante as interações entre meninas e meninos, estes últimos dominavam e se apropriavam das brincadeiras, tentando impor suas próprias regras (Amancio, 2019).

Assim, as análises desses resultados nos permitem afirmar que, geralmente, meninas e meninos são estimuladas/os a reforçar estereótipos de gênero na infância, seja através das cores e categorias de vestimentas, dos adereços que enfeitam as festas de aniversário ou dos brinquedos e brincadeiras que usam para recrear o mundo. Todavia, algumas meninas rompem com essas determinações e experimentam novas percepções ao ocuparem frestas no território masculino. A infância é um período de intensas aprendizagens e o trânsito entre os mundos masculinos e os mundos femininos deve ser estimulado, visto vez que possibilita a multiplicação das vivências infantis, promovendo um ambiente igualitário.

3.2 Generificação dos corpos: o lugar das práticas corporais e esportivas

A construção da Educação Física brasileira foi edificada em meio a uma polarização que marca todo o processo de contato das crianças com as práticas corporais e esportivas. Aos meninos prescreve-se a prática de esportes que exigem força, velocidade e potencialização muscular, cultivando a masculinidade referente e às meninas são direcionadas às modalidades que requerem flexibilidade, agilidade e suavidade nos gestos, incorporando a feminilidade padrão e preparando seus corpos para a maternidade (Jaeger, 2006; Altmann et al., 2018). Como mostram os excertos:

“Minha mãe me colocou na turma de balé da minha primeira escola e me despertou paixão pela dança. Apesar disso, outros esportes foram me chamando atenção ao longo do tempo [...], mesmo tendo gostado das experiências, a dança permaneceu na minha vida”. (*Storytelling* acadêmica 3).

“Meus pais me incentivavam em tudo, principalmente em práticas esportivas, natação, karatê, futebol, atletismo, judô e entre outros esportes.” (*Storytelling* acadêmico 18).

Todavia, notamos nas narrativas dos *Storytelling* que no decorrer da Educação Básica as mulheres transitaram pelas práticas de movimento esperadas para elas, como: dança, ginástica, vôlei, baliza, patinação. Mas também cruzaram fronteiras e praticaram futebol, futsal, basquete, musculação, ciclismo, handebol, atletismo e judô. Tais vivências sugerem que as acadêmicas tiveram um leque variado de experiências de movimento. Já os homens permaneceram associados ao estereótipo, visto que a maior parte praticou futsal e futebol e, os que se afastaram desses esportes, buscaram handebol, karatê, judô, basquete, vôlei, musculação e atletismo. A exceção foi um acadêmico que mencionou que, além de praticar os esportes, também tinha gosto pela dança. Vejamos o que diz o estudante:

“Apresentávamos coreografias e eu, particularmente, diferente de muitos meninos, amava fazer parte. Além disso, dançava no grupo de folclore da minha escola e eu não gostava muito, porque muita gente zombava do meu jeitinho, eles julgavam que eu tinha jeito de mulher”. (*Storytelling* acadêmico 1).

Essa manifestação evidencia o desconforto que sentia uma criança ao não corresponder aos comportamentos esperados e as suposições feitas em razão da sua prática, “referendando o imaginário social de quem dança e de como se dança” (Saraiva; Kleinubing, 2013, p. 125). As práticas corporais e esportivas assumem posição destacada como mediadoras no processo de construção das masculinidades hegemônicas. Essas práticas transformam-se em um espaço de categorizações, em que são atribuídas características específicas aos gêneros (Silva; Almeida, 2020;

Silva; Medeiros; Quitzau, 2020). Especificamente para os homens, os esportes oferecem uma oportunidade de expressar virilidade, força e coragem, atributos que produzem a masculinidade referente. Quando um estudante ousa se afastar desse padrão, imediatamente sua identidade de gênero e, não raras vezes, sua sexualidade é colocada em questão.

A Educação Física escolar é um espaço permeado de diferenças, desigualdades e hierarquizações. É possível observar uma divisão do espaço e do tempo de aulas entre meninas e meninos, bem como a diferenciação das modalidades de práticas oferecidas (Martins; Silva, 2020). Ao analisarmos alguns relatos dos/as participantes desta pesquisa sobre suas experiências de movimento, podemos observar a existência de uma divisão de atividades nas aulas de Educação Física:

“Na escola, eu adorava as aulas de Educação Física, principalmente pela professora trabalhar com lúdico. Com o passar do tempo mudei de escola, onde meninas jogavam handebol e vôlei e meninos futebol”. (*Storytelling acadêmica 17*).

“No Ensino Fundamental e no Ensino Médio infelizmente tive o desprazer de passar por isso na Educação Física, meninos jogam futsal, meninas jogam vôlei ou ficam sentadas conversando”. (*Storytelling acadêmica 7*).

“Nos anos iniciais era balé e eles era futebol. Daí depois que a gente começou a ir pra quadra, pra rua, pra prática mesmo, mas antes era mais o balé em si”. (Entrevista acadêmica 3).

“Quando era aula voltada pro futsal só os meninos que participavam, poucas meninas jogavam.” (Entrevista acadêmico 1).

As práticas corporais e esportivas são espaços privilegiados para a generificação dos corpos. O cenário esportivo é predominantemente masculino e essa dinâmica é reproduzida nas aulas de Educação Física. As meninas frequentemente se encontram em situações em que não estão jogando ativamente, ou então desempenham papéis secundários na quadra pela falta de estímulo e o baixo desenvolvimento de habilidades, enquanto os meninos protagonizam os jogos, pois já estão estabelecidos e solidificados nessas práticas (Nunes et al., 2014; Oliveira; Jaeger; Roth, 2019; Martins; Silva, 2020).

Nas entrevistas, os/as 8 participantes relataram que nas aulas de Educação Física da Educação Básica, as garotas ficavam sentadas ou participavam menos das aulas, enquanto os meninos permaneciam ativos e envolvidos. Acompanhem alguns recortes dessas narrativas:

“Por exemplo futsal que é mais inclinado pro gênero masculino, dentro de onde eu participei sempre teve essa questão de os meninos jogarem mais, não passarem bola para as meninas, achar que tipo assim uma menina no time a gente vai perder.” (Entrevista acadêmico 1).

“As meninas participavam em algumas oportunidades, mas tinha um jogo [pausa] elas ficavam mais de lado. Então participavam quando precisava, mas até elas ficavam mais receosas porque os guris queriam assumir como ocorriam as modalidades. Tínhamos bem forte essa questão de os meninos quererem assumir a prática, excluírem no sentido de acharem que as meninas não eram capazes, no sentido de prejudicar a equipe em si”. (Entrevista acadêmico 2).

“Quando era futsal, geralmente os meninos ficavam jogando e aí no ensino fundamental principalmente, quando uma menina fosse jogar, mesmo ela jogando, se ela errasse tinha uma cobrança muito maior pra ela do que pra alguns meninos que já estavam jogando e que erravam muito mais, aí elas já ficavam meio restritas e não gostavam mais de jogar por causa que tinha essa cobrança a mais nelas, que é só pelo fato delas serem meninas mesmo.” (Entrevista acadêmica 4).

As atividades realizadas nas aulas de Educação Física ainda se direcionam aos sexos, pensando que os corpos têm apenas constituição biológica, de forma que os estereótipos referentes às identidades masculinas e femininas são reforçados nas práticas docentes, favorecendo uma hierarquia entre os gêneros (Ramos; Deive, 2013). Essa taxionomia na participação de estudantes em aulas de Educação Física não é recorrente apenas na Educação Básica, visto vez que na formação profissional ela é afirmada (Oliveira, 2020). Todavia, os acadêmicos entrevistados estão cientes da hierarquização em aula e sugerem mudanças nas aulas de Educação Física escolar para que todos/as sejam protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

Acompanhe alguns excertos:

“Eu acho que a gente precisa estimular, talvez fazer mais atividades mistas, não separar sempre os meninos das meninas. E tentar conversar, não adianta tu querer ser duro, querer obrigar a participar e se não fizer não vai ter nota”. (Entrevista acadêmica 1).

“Eu acho que a primeira coisa é sempre conversar com a turma, saber o que eles estão acostumados ou não a fazer, não negar que eles possam fazer essas atividades que eles já são acostumados, mas tentar estimular e trazer coisas novas que nenhum deles conheça pra que seja uma novidade pra todo mundo. Para que todos tenham que partir do mesmo ponto”. (Entrevista acadêmico 1).

“Não devia se separar nunca a Educação Física. Eu acho que se a guria quer jogar futsal e o guri fazer balé, a gente tem a cadeira de dança, a gente sabe que todo mundo pode fazer então, dê primeiro passo juntar a turma”. (Entrevista acadêmica 3).

“Eu acho que a principal coisa é tu dar uma oportunidade pra todos os alunos, acho que criar esse ambiente, tu conversar com eles, levar os temas transversais que tem na sociedade pra dentro das aulas de Educação Física é muito importante, porque tipo tu vai criar um ambiente mais favorável pra todo mundo aprender e até vai ensinar o respeito e a inclusão”. (Entrevista acadêmica 4).

Compreendemos que os acadêmicos em formação docente estão engajados/as em transformar a realidade da Educação Física escolar, ressignificando suas próprias vivências enquanto alunos/as da disciplina. As situações relatadas encontram eco em estudos que apontam para as relações de poder desiguais entre meninos e meninas quando o conteúdo das aulas é o futebol, dado que eles possuem as habilidades necessárias à prática da modalidade e elas não. Tal situação exige a intervenção docente de modo a envolver os alunos na aprendizagem das alunas, estimulando um contexto educativo respeitoso, cooperativo e equitativo (Nunes et al. 2014).

Aulas mistas que desacomodem a masculinidade hegemônica no contexto esportivo e centradas na discussão da identidade de gênero e na importância do respeito às meninas, promovem uma convivência social mais justa e um avanço significativo na autonomia das meninas nas aulas, equiparando-se às habilidades e oportunidades que os meninos habilidosos apresentavam (Silva et al., 2021), garantindo oportunidades e atividades equânimes (Jacoby; Goellner, 2020), de modo que nenhum sujeito domine as aulas.

Os acadêmicos, ao compartilharem suas vivências de gênero na Educação Física escolar por meio dos *Storytelling*, revisitaram suas vivências nas práticas corporais e esportivas. Tal movimento possibilitou refletir acerca da urgência da desconstrução de estereótipos nas aulas com vistas a promover um encontro pedagógico estimulante onde as relações de poder entre estudantes sejam mais equilibradas.

3.3 Generificação dos corpos: equidade na formação profissional

É importante que na formação inicial em Educação Física as temáticas transversais como gênero, sexualidade e diversidade cultural sejam aprofundadas, com o intuito que os/as egressos/as do Curso tenham capacidade de refletirem sobre as relações entre as questões de gênero e sexualidade, como as práticas de exclusão, promovendo respeito e criando estratégias para uma Educação Física mais inclusiva (Araújo; Devede, 2019). Para que todos/as tenham acesso às mesmas oportunidades de movimento nas aulas de Educação Física, “torna-se fundamental construir práticas



educativas alinhadas à equidade de gênero desde a formação docente, para que, desse modo, possa produzir efeitos no contexto escolar” (Oliveira; Jaeger, 2022). Os/as estudantes entrevistados/as, trazem estratégias e sugestões para que ocorrem ações potentes na formação inicial:

“Tentar fazer mais disciplinas juntos, compartilhar um pouco o que cada um tem e sempre tentar trazer esse teor mais crítico pra dentro de cada disciplina. Por exemplo, falar dentro da anatomia, questão de gênero, falar dentro da fisiologia, questão de gênero, fica muito no corpo e não trabalha esse entorno”. (Entrevista acadêmico 1).

“Poderia ter um aprofundamento em alguma disciplina ou ter mais debates com o pessoal sobre o assunto, por mais que tem bastante intervenções o pessoal não adere muito. Então acho que tem que ter mais uma concentração dos professores em si, de chamar atenção dos alunos, liberar pra ir no evento, fazer alguma coisa pra que eles possam participar e se interessar mais pelo assunto”. (Entrevista acadêmica 4)

“Poderia ter mais roda de conversa sobre isso, porque não tem muita coisa, quando tem alguma palestra não é todo mundo que vai ou até mesmo dentro das aulas falarem a respeito”. (Entrevista acadêmica 6).

Os/as alunos/as constataram que a instituição, o currículo e os docentes formadores precisam ressignificar suas metodologias e práticas educativas (Oliveira; Jaeger, 2022), já que no curso de Educação Física onde os/as participantes da pesquisa estão inseridos/as, há somente uma disciplina no currículo que trabalha com o conteúdo gênero. E para se descolar dos estereótipos ligados às práticas corporais e esportivas que acompanham todo o processo de generificação dos corpos na Educação Básica, buscando evitar a reprodução e afirmação deles, é necessário muito mais do que uma unidade numa disciplina. É imprescindível que mais docentes sejam sensíveis à temática e compreendam que, se por um lado a Educação Física é uma área privilegiada para reafirmar padrões, ela também é entendida como um território potente para questionar tais normatizações, possibilitando a livre expressão do movimento humano.

Pesquisas realizadas em diferentes universidades brasileiras concluem que persiste a invisibilidade acerca das relações de gênero na formação profissional em Educação Física. Um estudo que analisou como estudantes e supervisoras do subgrupo Educação Física do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de uma universidade do Rio Grande do Sul compreendem temas afetos as relações de gênero e sexualidade, constatou certo despreparo para o enfrentamento de tensões presentes nas aulas quando envolvem gênero e sexualidade, afirmando que

ainda há muito o que se fazer em busca de uma educação que priorize a diversidade dos sujeitos (Andres; Jaeger; Goellner, 2015). Pesquisa realizada em três universidades públicas do Rio de Janeiro, investigou como gênero e sexualidade são abordadas nos cursos de Licenciatura em Educação Física e, após a análise das 467 ementas de disciplinas, constatou que apenas quatro disciplinas (0,85%) abordam essas temáticas, indicando que elas estão marginalizadas na formação profissional, colaborando para o despreparo da abordagem das relações de gênero pelos/as docentes em sua futura intervenção pedagógica, dificultando o combate aos estereótipos, preconceitos e práticas de exclusão por gênero e sexualidade na Educação Física escolar (Araújo; Deive, 2019).

Tal situação não é exclusiva do campo das licenciaturas em Educação Física, visto que em estudo realizado em PPCs de 17 cursos de licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), identificou-se que abordagem das questões afetas ao corpo, gênero, sexualidade, raça e etnia, estava presente em apenas 4 cursos, resultando em apenas 6 componentes presentes nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura, levando as pesquisadoras a chamarem atenção sobre a importância da inclusão dessas temáticas nos cursos de formação de professores/as, pois assim terão subsídios para realizar discussões sempre que for pertinente sobre as questões de corpo, gênero, sexualidade, raça e etnia no ambiente escolar (Damacena; Soares; Silva, 2017).

O debate sobre as relações de gênero deve ser incorporado no trabalho docente diário e visibilizado no fazer pedagógico para que os/as futuros/as professores/as de Educação Física possam desenvolver estratégias de resistência a um currículo heteronormativo. A Educação Física é um espaço privilegiado para problematizar questões como gênero, já que está voltada para o domínio do corpo (Andres; Jaeger; Goellner, 2015; Jaeger; Quos; Venturini, 2019). Em suma, é preciso revolucionar as relações de gênero na formação profissional em Educação Física para almejar mudanças no que diz respeito ao tema na Educação Básica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



As fontes de pesquisa apontaram resultados que evidenciam que a infância dos/as acadêmicos/as foi marcada por estereótipos. As meninas foram direcionadas a brinquedos e brincadeiras que reforçavam estereótipos de feminilidade e, muitas vezes, foram mantidas no espaço privado. Já os meninos foram encorajados a participar de práticas que reforçavam estereótipos de masculinidade e incentivados a passar a maioria do tempo em contextos públicos. Tais resultados evidenciam uma educação polarizada que reforça padrões de feminilidade e de masculinidade desde a mais tenra idade.

Essa divisão de gênero se manifestou de forma notável nas aulas de Educação Física, acentuando-se ainda mais devido à disparidade de oportunidades de movimento entre meninas e meninos desde a infância. Muitas vezes, as meninas não se sentiam integradas ao grupo devido à falta de habilidades nas práticas esportivas, o que resultou em uma posição privilegiada para os meninos durante as aulas. A partir disso, ressaltamos que as aulas de Educação Física precisam primar um viés coeducativo, onde meninos e meninas tenham as mesmas vivências nas aulas, com a mesma oferta de atividades. Essa abordagem visa proporcionar aos/as estudantes a compreensão de que os padrões de comportamento de gênero são construções sociais, portanto, podem ser transformados.

Há necessidade de uma mudança nos currículos dos Cursos de Educação Física para que as relações de gênero seja um conteúdo abordado e aprofundado em diversas disciplinas e que desde a formação inicial os temas transversais sejam discutidos, “é imperativo produzir uma estrutura didático-pedagógica ancorada em princípios equitativos forjados no currículo que ampara o processo formativo” (Oliveira; Jaeger, 2022, p. 16).

Outro ponto relevante que emergiu durante a pesquisa foi a diferença entre os acadêmicos e as acadêmicas na produção dos *Storytelling*. Eles construíram um artefato com conteúdo amplo e temas menos aprofundados em relação às suas vivências generificadas, visto que havia uma menor riqueza de imagens e vídeos que ilustrassem suas experiências. Também poucos responderam ao convite para participar das entrevistas. Isso pode ser um indício de que a problematização das questões de gênero na formação inicial em Educação Física os desacomode do lugar privilegiado que historicamente ocuparam nas práticas corporais e esportivas. E, ao

serem recrutados para olharem detalhadamente para essas questões, preferiram tergiversar e evitar o mergulho nos próprios preconceitos e privilégios. Enquanto isso, as acadêmicas produziram materiais extremamente abrangentes, emergindo da invisibilidade que as envolveu ao longo de todo o percurso nas práticas corporais e esportivas.

Assim, com aporte da pesquisa autobiográfica e da construção dos *Storytelling*, os/as estudantes, sujeitos da pesquisa que se encontram em formação docente, tiveram um espaço para refletir sobre as subjetividades e questões contemporâneas que permeiam suas histórias de vida. E assim, problematizar o espaço formal onde a docência é efetivada: a escola (Oliveira; Machado, 2018).

No campo da Educação Física as condutas padronizadas acerca das relações de gênero devem ser questionadas, outras estratégias de aula devem ser requisitadas para oportunizar equitativamente as práticas corporais e esportivas às crianças, adolescentes e adultos independentes das suas identidades de gênero. Por fim, trazemos o questionamento de Scott (1995, p. 92) “se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como as coisas mudam?”. A mudança pode começar em muitos lugares, pesquisadores/as de gênero na Educação Física estão dispostos a serem resistência visando uma transformação política e social, começando em seu campo de atuação para produzir efeitos na sociedade.

Dados das autoras

JULIANA JUNGS DE ALMEIDA

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento e Reabilitação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero (GEDCG – UFSM).

ANGELITA ALICE JAEGER

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestra em Ciência do Movimento Humano pela UFSM, doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com doutorado sanduíche na Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto. É professora associada IV da UFSM e líder do GEDCG – UFSM.

REFERÊNCIAS



ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, p. 01-16, 2018.

AMANCIO, I. M. S. *Só posso ser menina ou menino? Identidade de gênero e raça nas narrativas de crianças em espaços de Educação Infantil*. 2019. 82 p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde.

ANDRES, S. S.; JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFISM). *Journal of Physical Education*, Maringá, v. 26, n. 2, p. 167-179, 2 trim. 2015.

ARAÚJO, A. B. C.; DEVIDE, F. P. “Gênero” e “sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das Instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 25-41, jan./jul. 2019.

BAHIANA, M. A. et al. Gênero na educação infantil: performatizações do discurso que atravessam a Educação Física escolar. In: LARA, L.; ATHAYDE, P.; MENDES, M. I. B. S. (org.). *O que pode o corpo? Saberes e práticas da Educação Física e Ciências do Esporte*. Maringá: Eduem, 2021. p. 88-107.

BALISCEI, J. P.; INOUE, G. N. O que as cores (não) dizem sobre gênero e sexualidade? Infância, imagens e educação. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 10, n. 2, p. 294-316, 2022.

BORGES, M. K.; SILVA, M. P.; SOUZA, L. P. Developing digital skills from a continuing education course on digital storytelling for basic education teachers. *IUL Research*, Florença, v. 2, n. 3, p. 72–85, 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CARVALHO, G. P. Formação continuada e representações de gênero no espaço escolar. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 12, n. 3, p. 759-782, dez. 2017.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A Educação Física e a co-educação ou diferença? *Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2. p. 43-54, 2002.

DAMACENA, C. A. M.; SOARES, E. L. S.; SILVA, F. F. Corpo. Gênero, sexualidade, raça e etnia nos cursos de Licenciatura da Universidade Federal do Pampa. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 12, n. 3, p. 783-806, set./dez. 2017.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-535, set./dez. 2012.

DIAS, T. M; FRIZZO, G. E. A escola tem que discutir; a família que deve orientar: as escolas rio-grandinas e as questões de gênero. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-19, 2021.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. 2 ed. p. 31-40.

GODOY, K. N. B. et al. Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 24, 2021.

INTERNATIONAL, PLAN. Por Ser Menina. 2021. Disponível em: <https://plan.org.br/wp-content/uploads/2021/11/relatorio-por-ser-menina-final.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

JACOBY, L. F.; GOELLNER, S. V. A Educação Física em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-13, 2020.

JAEGER, A. A. Gênero, mulheres e esporte. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n.1, p. 199-210, 2006.

JAEGER, A. A.; QUOOS, M. O.; VENTURINI, I. V. Imbricações entre sexualidade e educação física: desafiando a formação profissional. In: SAWITZKI, R. L.; MARTINY, L. E.; JAEGER, A. A. (org.). *Vida, vivência e experiência de professores de Educação Física*. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 69-86.

KISHIMOTO, T. M; ONO, A. T. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições*, Campinas, v.19, n.3, p. 209-223, set./dez. 2008.

KROPENISCKI, F. B.; PERURENA, F. C. V. Relações de gênero em catálogos de brinquedos: (contra)indicações para o brincar. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 141, p. 965-981, out./dez. 2017.

MARIANO, E. R. et al. Elas podem se machucar: Lutas para combater o preconceito de gênero na Educação Física Escolar. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 3, p. 1-16, 2021.

MARTINS, M. Z.; SILVA, B. S. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 23, 2020.

NUNES, H. F. P. et al. Educação Física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

OLIVEIRA, M. C. *Relações de gênero, poder e resistências na formação inicial de professores/as de educação física*. 2020. 104 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

OLIVEIRA, M. C.; JAEGER, A. A. Equidade de gênero na formação docente em Educação Física. *Revista Contexto e Educação*, Ijuí, ano 37, n. 118, p. 1-19, mai./ago. 2022.

OLIVEIRA, M. C.; JAEGER, A. A.; ROTH, V. J. S. Estereótipos de gênero e educação física: diálogos com estudantes de ensino médio. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2019.

OLIVEIRA, V. M. F.; MACHADO, G. E. O olhar do imaginário social sobre as representações de gênero permeadas pela pesquisa autobiográfica. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, v. 10, n. 21, p. 124-136, 2018.

RAMOS, M. R. F.; DEVIDE, F. P. O discurso docente sobre a relação entre conteúdos de ensino e identidades de gênero. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (org.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Editora Unijuí, 2013, p. 169-192.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. “As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada”: o gênero “fabricado” na infância. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 57, n.54, p. 1-21, out./dez. 2019.

ROSA, L. S.; MACKEDANZ, L. F. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 16, p. 1-23, 2021.

SANTOS, W. et al. Da relação com o saber às identidades da educação física: narrativas de estudantes do Ensino Médio. *Pro-Posições*, Campinas, v. 31, 2020.

SARAIVA, M. C.; KLEINUBING, N. D. Estereótipos de movimento e gênero na dança no Ensino Médio. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (org.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Editora Unijuí, 2013, p. 121-148.

SCOTT, J. W. Gender: still a useful category of analysis? *Diogenes*, v. 57, n. 1, p. 7-14, 2010.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, F. I. C.; ALMEIDA, D. M. F. Masculinidades no esporte: o caso do Rugby. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, p. 02-13, 2020.



SILVA, L. S. N. et al. Problematizando a masculinidade hegemônica no ensino/treino do futebol: relato de um projeto socio-esportivo liderado por uma entidade estudantil. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 12, n. 2, p. 93-99, mai./ago. 2021.

SILVA, M. M.; MEDEIROS, D. C. C.; QUITZAU, E. A. Educação física escolar: espaço de questionamento das masculinidades hegemônicas? *Cadernos de Formação RBCE*, p. 25-36, set. 2020.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. *Cadernos Cedes*, Campinas, Ano XIX, v. 48, p. 52-68, 1999.

Recebido em 10 de fevereiro de 2024

Aceito em 01 de outubro de 2024